

**AS CHARGES DE CARUSO
SOB OS VIESES DA INTERAÇÃO E DO ENSINO**

Solange Gomes Batista (FEUC)
solgbatista@ig.com.br

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo conhecer melhor o gênero charge identificando e analisando-o. Fazer uma análise linguística desse gênero e aplicar a teoria de Bergson (2007), de modo que se possa fazer uma relação entre o humor e a crítica social e também demonstrar a importância da charge como uma produção de conhecimento do mundo contemporâneo.

Inicialmente será feita à constituição das charges e a diferenciação das charges com outros gêneros como: cartum, história em quadrinhos e tira. Em seguida, será realizado um estudo sobre a teoria bergsoniana e das teorias de Almeida. Depois realizaremos aplicação dessa teoria nas charges escolhidas e, por fim, demonstrar-se-á a aplicação desse gênero do jornal ao ensino de português.

Na sociedade contemporânea, a análise da informação requer a compreensão da utilização cada vez mais estratégica dos meios de comunicação, sendo uma dessas estratégias as críticas feitas de forma implícita, como ocorre pelo humor às charges. Através da crítica humorada origina-se a um questionamento sobre o fundamento daquilo que está sendo tratado com humor, fazendo com que os olhares sobre a realidade sejam lançados de forma diferente.

As charges de Chico Caruso, que são publicadas diariamente no jornal de maior circulação da cidade do Rio de Janeiro, apresentam uma conotação crítica e humorada das notícias em evidência. Nesses textos, o desenho funciona como uma coluna de opinião, geralmente sobre política

e economia, na qual a imagem substitui as palavras, visa alcançar com isso mais imediatismo e abrangência, e pode, às vezes, incomodar mais do que uma reportagem, pois influencia diretamente no ego de quem está sendo satirizado. Dessa forma, torna-se evidente o poder da charge como fomentador do pensamento crítico.

Para o trabalho de monografia, serão analisadas seis charges do cartunista Chico Caruso coletadas do jornal *O Globo* no ano de 2011 a fim de observar a importância do discurso cômico como elemento linguístico e como instrumento de crítica social, e também como uma rica fonte de informação e poder porque ela faz do humor um alicerce e fundamenta o pensamento indagador como forma de ver as relações sociais. Partindo dessa constatação, considera-se como problema a seguinte questão: A charge como discurso jornalístico possui intuito crítico e provocador? Além disso, das comichidades apontadas por Bergson, qual delas mais predominou nas charges de Caruso durante o ano de 2011?

Pretendemos demonstrar e analisar neste trabalho se o jornal atua no sentido de uma consciência dos fatos da sociedade. Se esses fatos críticos são percebidos nas charges de Chico Caruso que expressam a notícia de uma forma cômica, e se esta forma evidencia a comichidade de caráter apontada por Bergson, uma vez que as notícias das charges são situações sociais e políticas.

Desse modo, a pesquisa objetiva analisar os mecanismos linguísticos que compõem o humor, e fazer uma aplicação para a sala de aula.

É importante destacar que esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa de Linguística Aplicada ao Ensino, sob o eixo educação, e que será analisado o quanto imprescindível é a charge para a língua, já que ela poderá ser uma ótima ferramenta didática por ser interessante e esclarecedora, e que poderá auxiliar no cotidiano escolar, de acordo com o conhecimento prévio do leitor, para a execução de uma das propostas dos PCN, que é fazer do educando um leitor crítico e questionador, inebriado pela informação em forma de imagem cômica.

2. Constituição das charges

A charge é um texto de humor que, por meio de ilustração, aborda temas do noticiário e trabalha com figuras reais caricaturadas. Palavra de origem francesa que significa também “carga”, a charge trabalha com o exagero dos traços do caráter de alguém ou de algo, tornando-o burlesco.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A charge surgiu no século XIX, quando o desenhista francês Honoré Daumier queria fazer uma crítica ao governo, ao expressar a sua opinião por meio de um desenho no jornal da época *La Caricature*. Esse desenho, ou seja, essa “charge” foi tão bem vista que os outros jornais também começaram a publicá-la, passando assim a ficar conhecida não só na França como em outros países, tornando-se uma ferramenta para pessoas que eram contra o governo. Muito criticada pelo governo, mas caiu no gosto popular. A charge recria o fato de forma ficcional, e o satiriza de forma caricata.

O chargista deve ter um grande conhecimento de mundo e humor para que possa retratar a sociedade com seus desenhos críticos relativos aos fatos atuais. No Brasil é muito comum utilizá-la em críticas políticas.

É de inspiração das charges, por exemplo, políticos, jogadores de futebol, programas de TV e outros que estejam em evidência na mídia. Ramos (2009, p. 21) diz:

A charge é um texto ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual, mas é a política seu ponto chave, desta forma, ela estabelece com a notícia uma relação intertextual.

Qualquer pessoa pode muito bem entender uma charge, basta estar ciente do acontecimento tratado, isto é, do noticiário. A charge é uma interessante linguagem, forma de expressão referente a assuntos que estejam na mídia. Com traços artísticos e com grande poder crítico que é temido pelos poderosos está inserida a um contexto de uma determinada época, cultura e sociedade. Fora desse contexto em que se encontra, perderá o impacto comunicativo, por isso a charge tem um grande papel como registro histórico, pois retrata um momento social vivido. Há também, na charge, um compromisso com a crítica social, o que é seu grande diferenciador em relação a outros gêneros de cunho cômico, como: cartum, história em quadrinhos e tira.

A charge e o cartum são muito parecidos, pois ambos têm, em suas características, o senso crítico e podem ser acompanhados ou não de legenda. A diferença é que o cartum não está vinculado a um fato do noticiário jornalístico e sim a uma situação corriqueira; é atemporal, não está vinculado ao contexto específico de uma época, ficando fácil diferenciá-la por essa abordagem.

Quando se fala da história em quadrinhos há uma lembrança da infância e das revistas com histórias como: Pato Donald, Mickey Mouse, Turma da Mônica entre outros. Segundo Ramos, (2009, p. 29):

É um assunto complexo e que precisa de um estudo mais aprofundado. Mas podem-se ver algumas tendências. Parece haver um maior interesse em rotular tais gêneros pela temática da história: super-heróis, terror, infantil, detetive, faroeste, ficção científica, aventura, biografia, humor, manga (nome dado ao quadrinho japonês e a seus diferentes gêneros), erótica, literatura em quadrinhos (adaptações de obras literárias), as extintas fotonovelas, o jornalismo em quadrinhos (reportagens feitas na forma de quadrinhos).

Histórias em quadrinhos são narrativas com personagens e elenco fixos. Usa-se em sua legenda balões em sequência de quadrinhos e seu desenvolvimento vai depender muito do contexto podendo ser de uma ou várias páginas, sempre em sequência, de maneira muito prazerosa, que encanta os menos letrados por ter, muitas das vezes, uma linguagem fácil de interpretar. Tem em comum com a charge, assim como com outros gêneros, a linguagem verbal e não verbal. A charge também apresenta uma única legenda, normalmente na parte superior do quadro e também traz a voz do narrador onisciente, podendo conter ou não a fala das personagens, pois, em algumas, não se visualizam diálogos das personagens, o que acontece nas histórias em quadrinhos.

As tiras cômicas são textos curtos com grande senso de humor, que é uma característica muito forte desse gênero. Elas têm um formato retangular fixo, são construídas a partir de um ou mais quadrinhos com personagens fixos e, por ser de texto curto, a tira cômica é a que predomina nos jornais brasileiros, assim como nos de outros países. Cartum, histórias em quadrinhos e tiras diferem-se das charges por usarem personagens fictícios, balões sequenciais e diálogo entre personagem, o fato que, comumente, não acontece na charge impressa.

3. Comicidade de Bergson

Ao analisarmos as charges como gênero de base dos quadrinhos, observamos a constante presença do cômico, como marca relevante e inerente deste tipo de gênero. Fato este que é notório nas charges de Chico Caruso.

Henri Bergson (2007) publicou um estudo sobre o riso e sobre a significação do cômico chamado *O Riso*. Este livro assinala que não há comicidade fora do que é humano, e além de ser o único animal que ri, o

homem é o único que faz rir. Bergson (2007, p. 02) comenta: “Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana”.

Segundo o autor, a indiferença é o meio natural do risível, e que o maior inimigo do riso é a emoção, que para rirmos de um indivíduo que nos inspire piedade, é preciso esquecer por alguns instantes a afeição e a piedade que temos por ele, e que o cômico exige uma anestesia momentânea do coração.

Para Bergson, não há sensibilidade no riso e sim insensibilidade, pois o cômico e a sensibilidade não combinam, isto é, só rimos de algo de que não estamos emocionalmente envolvidos, ou quando esquecemos temporariamente a afeição que sentimos, a insensibilidade vulgarmente acompanha o riso. Bergson diz que o cômico é um automatismo que está próximo da distração. Ressalta que uma personagem cômica, muitas vezes, é cômica na medida em que ela se ignora e que o cômico é inconsciente.

Pode-se compreender este inconsciente citado por Bergson como uma distração, ou seja, uma oposição ao estado de atenção que o indivíduo deveria ter para conviver em sociedade. O indivíduo não percebe que está agindo de maneira cômica¹, produzindo comicidade com seus gestos e atos e, automaticamente, quando isso acontece, manifesta o riso no outro, de forma a recuperá-lo de sua distração e colocá-lo outra vez no estado necessário para o convívio da sociedade. De acordo com Bergson, a partir do momento em que um personagem tem consciência de sua comicidade, ele procurará modificar-se a partir da constatação de que está sendo ridículo em seus atos.

Nesta situação, têm-se então dois elementos: aquele que gera o riso e aquele que ri. Provocando um julgamento moral daquele que ri, como se o riso reforçasse de forma questionável o comportamento daquele que gerou o riso. O riso serve como um indicador social de um desvio de comportamento de um indivíduo e de seus atos, mas não todos os desvios de comportamento. Como exemplo, Bergson ressalta que um personagem trágico também pode apresentar um desvio comportamental, mas ao ser sinalizado disto, sua maneira de agir não mudaria.

¹ Neste trabalho tomamos como sinônimos os termos “comicidade” e “humor” e não fazemos diferenças entre ambos, como estabelece Freud (*Apud* ALMEIDA, 1999).

O autor afirma que a comicidade se direciona à inteligência pura, e que essa inteligência deve estar em contato com outras inteligências. O sabor da comicidade está no convívio com outros indivíduos, e que o ser isolado não conhece a comicidade e com isso ressalta que o riso necessita de eco:

Ouçamo-lo: não é um som articulado, nítido, terminado: é algo que gostaria de prolongar-se repercutindo de um ponto ao outro, algo que começa com um estrépito para continuar em ribombo, assim como o trovão na montanha. E, no entanto, essa repercussão não deve ir ao infinito. (BERGSON, 2007, p. 04)

O autor salienta que o riso é sempre o riso de um grupo. Ele explica que, para rirmos de uma história que nos é contada por alguém, é preciso que estejamos inseridos na sociedade dessa pessoa, caso contrário, não terá graça alguma, e que é comum esconder pelo riso uma segunda intenção de entendimento, ou seja, uma cumplicidade com os outros ridentes. É o que acontece na comicidade das charges, que para alcançar o humor deve-se estar inserido no contexto social.

Bergson (2007) divide o cômico em três grupos: comicidade das formas e dos movimentos, de situações, de palavras e de caráter.

Como exemplo da comicidade das formas e dos movimentos, segundo Bergson (2007), temos a caricatura que, mesmo que uma fisionomia seja harmoniosa e normal, para ele, seu equilíbrio nunca é totalmente perfeito. A caricatura desarmoniza os traços de forma a tornar cômico aos olhos de quem a vê, daí sua relação com a charge. O caricaturista aproveita os movimentos que, muitas vezes, escapam a nossos sentidos: um nariz um pouco torto, uma barba um tanto desproporcional, uma barbiga grande, um trejeito na face. Bergson (*op.cit.*, p. 22):

(...) a comicidade do desenho é muitas vezes uma comicidade de empréstimos dizer que o desenhista pode ser ao mesmo tempo um autor satírico e até um autor de vaudeville, e que rimos bem menos dos desenhos em si do que da sátira ou da cena de comédia que ali esta representada.

Para o autor, o desenho normalmente se torna cômico na medida da clareza e da discrição que nos leva a perceber no homem um brinquedo articulado.

Para explicar a comicidade de situação e de palavra, o autor busca elementos que representem o cômico com suas combinações de ações e acontecimentos que juntos deem a fantasia de vida e a sensação clara de arranjo mecânico. Bergson busca elementos do teatro que explicam a vida. Acredita que o cômico está em repetições de situações e expressões

como a da “caixa surpresa” (espécie de brinquedo), que contém um palhaço de molas que, ao abrir a caixa, salta, provocando susto e riso. O autor explica que em uma repetição cômica de palavras existem, normalmente, dois termos presentes, são estes: um sentimento comprimido, como se fosse uma mola, e a ideia que, ao comprimir, diverte-se novamente.

Em relação à situação, o autor expõe que a repetição, a inversão e a interferência das séries são fundamentais em sua construção. Ao falar de repetição, Bergson esclarece que não se trata de uma frase ou palavra que uma personagem repete, ou seja, trata-se de uma situação que ocorre e que se torna cômico, e dá exemplo de dois amigos que, ao se encontrarem várias vezes no mesmo dia sem ao menos esperarem, acabam achando engraçado e com isso provocando o riso.

Já a inversão é cômica se houver uma troca de papéis como um réu que em uma audiência dá uma lição de moral ao juiz. Ao tratar a interferência das séries, Bergson (*op. cit.*, p. 71) declara que “Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes”.

Na interferência das séries, o cômico tem uma relação com a coincidência e a independência. Enquanto o autor da comédia consegue renovar a sensação de que num determinado momento, estas séries vão se dissociar definitivamente, isto gerará esta falsa ameaça de dissociação criada que geraria o riso.

E, por último, a comicidade de caráter, a qual o autor declara ser a parte mais importante de seu trabalho. Bergson inicia falando do enrijecimento social, e que é cômico a personagem que prossegue sua vida sem ter preocupação em se comunicar com ninguém; em algum momento, o riso vai trazê-la para uma correção, e retirá-la de seu sonho. Se estiver alheio ao contexto social em que deveria estar inserido, o riso servirá como um alerta. O autor questiona se haveria uma gradação para falha de caráter, como se o riso pudesse ocorrer em determinadas situações. Segundo Bergson, a gravidade da falha de caráter não seria o fator gerador do riso, mas sim a questão da insociabilidade. Portanto, o desvio aqui não é a imoralidade, mas a insociabilidade.

Para o autor a insociabilidade pertence à personagem, e a insensibilidade ao observador. O observador somente achará graça se não for tomado pela emoção ao perceber o que acontece. Se em algum momento

houver empatia, piedade, ou qualquer outro sentimento, o riso não vai acontecer.

4. Diferentes olhares sob o humor das charges

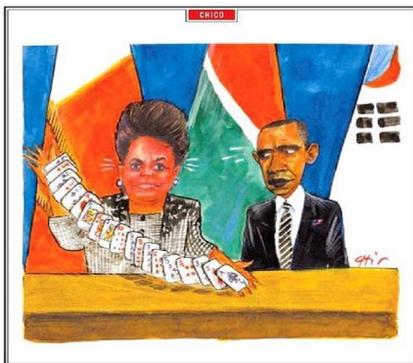


Ilustração 1 – *O Globo*, 20 de setembro de 2011

A situação apresentada pela ilustração 1 mostra em uma única cena a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, com as cartas na mão ao lado do presidente dos EUA, Barack Obama, que a observa atentamente. Esta situação representa a presença e a importância do Brasil na reunião anual da ONU de 2011. Nesse contexto a ação é identificada como uma partida de carteadado, na qual, quem está ganhando, embaralha e distribui as cartas, caracterizado com a ajuda do recurso visual (o desenho das cartas, da mesa, e da forma como está sendo jogada), remetendo a uma leitura cômica. Apesar de não ter um locutor explicando a situação, fica claro para o leitor que quem está dando as cartas no momento é quem esta mandando, e nesse caso é a presidenta do Brasil Dilma Rousseff. Partindo desse pressuposto, na análise da charge da Dilma com um baralho, sendo observada por Obama, a ideia que vem à mente é que a presidenta brasileira está com “as cartas na mão”, tradicionalmente uma expressão idiomática classificada como metáfora pela gramática e estilística tradicionais, que significa que alguém está em uma posição de vantagem em relação à outra pessoa, ou seja, no atual cenário político mundial, o Brasil tem mais força política que os EUA, por ser um país em franca emergência política, econômica, social e ecológica, enquanto os EUA se encontram em uma grave crise política e econômica, sendo rebaixado nas avaliações de agências de investimento americanas. A situação, neste texto, reveste-se

de um humor que, segundo Bergson (2007), dá-se na inversão, pois o País que sempre esteve em posição privilegiada foram os EUA, motivo que nos leva a classificar este texto como uma comicidade de situação.



Ilustração 2 – *O Globo*, 09 de outubro de 2011

A situação apresentada na ilustração 2 traz de forma caricaturada mais um personagem político: o ex-presidente e, atual senador, José Sarney acariciando um dragãozinho da inflação, do qual sai de suas narinas o fogo de 7% (projeção da inflação para o ano de 2011). A forma que o ex-presidente acaricia a cabeça do dragão nos faz perceber que este é um filhote e que poderá crescer, o que nos remete a um humor que Bergson (2007) classifica como comicidade de caráter. A charge mostra certa intimidade do senador em lidar com a inflação. Sarney fora presidente do Brasil no fim da década de 80 e convivia com uma inflação superior a 100% ao ano, inflação que era considerada um dragão, o grande dragão da inflação. Com o texto podemos observar a fala do senador “— Ah, sim... conheci muito sua avó!” A pragmática que, com seus atos ilocucionais, nos mostra o conceito implícito que é algo que não está no texto e não pode ser depreendido pelas palavras que o compõe (o que seria subentendido), porque Sarney se refere à avó do dragão, nome dado à inflação na década de 1980, identificando uma suposta ameaça do pequeno dragãozinho da inflação visto que sua avó seria a tão temida grande dragão da inflação e conhecida muito bem pelo senador. Por este motivo, fica clara a presença de uma comicidade de caráter.

5. Considerações finais

Trabalhar com os tipos de comicidade presentes nas charges jornalísticas foi o foco deste trabalho. Para isto, foram analisadas 2 charges do chargista Chico Caruso, coletadas do jornal *O Globo*. Foi demonstrado que os meios de comunicação podem ser utilizados para formar alunos cultos e com pensamentos críticos inseridos em uma sociedade dinâmica.

Na análise das charges de Chico Caruso, foram apresentados os tipos de comicidade, asaber: comicidade das formas e dos movimentos, de situações de palavras e de caráter. Observou-se que ficaram muito mais presentes nas charges analisadas as comicidades de palavra e de situação e de caráter. Ficou evidente que não é preciso ter uma linguagem verbal, nas charges analisadas, para entendê-las, e sim um conhecimento de mundo já que a charge provoca as situações noticiadas, normalmente, na véspera ou na antevéspera de ser veiculada, isto é, o leitor da charge necessita ser também leitor do noticiário.

Partindo das análises concluímos que é característica das charges recursos de polissemia e intertextualidade.

Observamos que há na charge um poder muito forte de persuadir e seduzir o leitor para torná-lo crítico através do humor. A leitura torna-se muito mais agradável com o humor, e ao mesmo tempo muito atrativa para quem a interpreta.

Assim podemos responder as hipóteses levantadas no início desse trabalho: o jornal, sim atua no sentido de despertar no leitor uma consciência dos fatos da sociedade, e que esse pensamento crítico é percebido nas charges de Chico Caruso que expressa a notícia de uma forma cômica. Concluímos que das comicidades apontadas por Bergson, a que mais predominou nas charges analisadas foi a de situação.

O professor pode, então, utilizar as charges e motivar os alunos em sala de aula e apresentar a eles toda a riqueza de recurso linguístico que compõem o humor, uma vez que a charge seduz o leitor e proporciona uma leitura prazerosa e espontânea, e com isso, fazer uma aplicação didática na sala de aula e preparar os alunos para terem uma visão de mundo muito mais ampla uma vez que eles entendam que a leitura é uma fonte muito forte de aprendizado e que em sua vida a criticidade deve estar presente e assim tornem-se cidadãos cultos e preparados para novas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, V. T. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: Unesp, 2004.
- ALMEIDA, F. Afonso. *Linguagem e humor*. Niterói: EDUFF, 1999.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.